

A música em "Orfeu da Conceição"

C. 1956

ENIO SILVEIRA

EM inúmeras entrevistas e no próprio programa que se distribuía no Teatro Municipal, durante os seis dias da primeira apresentação de sua «Tragédia pitoresca» (a segunda começa agora, no Teatro República), Vinícius de Moraes tornou bem claro que sua peça constituía, antes de mais nada, homenagem ao negro brasileiro. Homenagem à sensibilidade artística de uma raça eminentemente plástica, no sentido de que, através de ritmos, cores e formas, sempre conseguiu — na liberdade e no cativoiro — demonstrar genuína alegria de viver, adaptando-se às mais escuras e por vezes odiosas condições e assim contribuindo para o enriquecimento cultural de povos que a consideravam destituída de qualquer sentido, e a colocavam num degrau ligeiramente acima do irracional.

É hoje inteiramente ocioso chamar a atenção para o vulto e a intensidade com que o negro participou e ainda participa na estratificação da cultura do Mundo Novo. Sociólogos e literatos, pintores e musicistas, todos são unânimes em reconhecê-lo, não importa em que ângulo de visão se coloquem. Mas é precisamente no terreno da música popular que a influência do negro se tornou de veras marcante. Sem pretender ignorar que suas raízes europeias, é inegável que tanto o «jazz» com o samba e a rumba, para citar apenas três ritmos bem

definidos, têm coração em terras d'África.

Conseqüentemente, é perfeitamente cabível e mesmo elogiável que o nosso grande poeta Vinícius tenha tido aquele sincero desejo. Ao contrário, porém, de um Gerhart, que tomou como libretto de sua famosa ópera «Porgy and Bess» o romance «Porgy», de Dr. Bose Heyward, cuja ação era vivida por negros e em ambiente negro — uma comunidade de pobres pescadores no sul dos Estados Unidos, Vinícius preferiu vestir de preto uma história vivida por brancos e em ambiente diverso. Iniciativa de certo modo comparável ao «musical» «Carmen Jones», que, transformando a heroína de Mermécé-Bizet numa mulata de bom corpo e má vida.

Se a transposição é radical — e seus efeitos discutíveis — nem por isso «Orfeu da Conceição» deixou de ser um espetáculo interessante e digno de ser comentado por diversos ângulos. Não querendo invadir seara alheia e deixando a quem melhor possa a tarefa de analisar a obra em seus méritos ou deméritos teatrais e literários, pretendemos comentar aqui, ainda que nos faltem engenho e arte, a partitura musical. Seu autor, o jovem Antônio Carlos Jobim, já se houve com brilho e talento em outras oportunidades, tanto no ter-

reno da música erudita como no da popular. Embora desconhecidas ainda do público, suas obras num e noutro campo mereceram elogios de seus pares, o que vale dizer muito — pois é sabido que no Brasil reina a má defesa antropofagia entre os artistas criadores, mercê de um personalismo revoltante e de uma ísita de espírito de classe que é verdadeiramente de pasmar.

Em «Orfeu da Conceição», Jobim e Vinícius se entenderam de forma perfeita. Entre os dois, o poeta e o compositor, foi logo estabelecida uma tal identidade de pensamento e de expressão, que a música passou a servir à palavra assim como os braços servem ao corpo. Desde a «ouverture» para grande orquestra, que teve como tema uma valsa de autoria do próprio poeta, que é também um «Orfeu do Vilarinho» e de outros bares, aos sambas ora dolentes, ora frenéticos, tudo foi, por assim dizer, um trabalho a quatro mãos.

A lira de Orfeu grego se transforma no vilão do Orfeu negro e Jobim dele tirou todo o proveito, qualificando-o como peça fundamental na obra de Vinícius. Maravilhosamente executadas pelo grande artista que é Luís Bonfá, as composições de Antônio Carlos se enriqueceram e ganharam ainda maior estatuto,

como que para demonstrar a injustiça do conceito de que o violão é instrumento de poucos recursos. A valsa «Eurídice», aproveitada sinfonicamente, é digna de figurar nos programas dos concertos eruditos, pois que une beleza formal a contúdo de sentimento, sobre ser genuinamente brasileira em sua concepção.

Já os sambas, por outro lado, merecem «par droit de naissance et de conquête» ampla divulgação popular, pois que além de terem as qualidades para agradar as mais amplas audiências são de qualquer influência «bolizante», tão sensível na obra da maioria de nossos compositores profissionais. Cabe aqui, a propósito, um sincero elogio à orquestra (conduzida por Léo Percebi) e ao conjunto de ritmo, sob a direção de João Baptista Stokler (o conhecido Juca).

Não fazendo concessão de qualquer espécie, a partitura musical de «Orfeu da Conceição» constitui, por isso mesmo, um dos pontos mais altos da bela realização de Vinícius de Moraes. E como para comprovar este ponto, brevemente estará ao alcance de todos, em disco. Não se trata, pois, de música incidental, que frequentemente se aprecia e se esquece com a mesma facilidade; pelo contrário, tem personalidade e estatura próprias: é música que se encaixa num todo mas que resiste, isoladamente, a repetidas audições.



Haroldo Costa e Luiz Bonfá.